

**FUTEBOL FIGURADO**  
**a linguagem das charges e das histórias em quadrinhos**  
**nas crônicas esportivas de José Lins do Rego**

**FIGURED FOOTBALL: THE LANGUAGE OF CARTOONS AND COMIC**  
**BOOKS IN THE SPORTS CHRONICLES OF JOSÉ LINS DO REGO**

*Bernardo Borges Buarque de Hollanda\**  
*Fundação Getúlio Vargas*

**RESUMO**

O artigo explora a incidência das charges e das personagens das histórias em quadrinhos nas crônicas esportivas de José Lins do Rego, escritas entre 1945 e 1957. Argumenta-se que a presença frequente da linguagem figurada na coluna do romancista paraibano no *Jornal dos Sports* deve ser analisada para além de uma idiossincrasia do autor. Tal linguagem constituiu, mais do que um adorno expressivo, uma estratégia de comunicação com amplos extratos de leitores aficionados por futebol, em particular pelos adeptos dos clubes da cidade do Rio de Janeiro. Com base em um debate mais geral sobre a questão da narrativa nas crônicas e sobre a difusão da cultura de massas no Brasil, por meio das HQs infanto-juvenis norte-americanas, mostra-se como Lins do Rego se valeu desse artifício comunicativo para fomentar as identidades clubísticas cariocas. Fez, assim, da crônica esportiva um veículo para se aproximar do imaginário dos torcedores, mediante mecanismos de identificação e de filiação passional aos times de futebol mais populares do Rio em meados do século 20.

**PALAVRAS-CHAVE**

Futebol, cultura de massas, narrativas clubísticas

---

\* [bernardobuarque@gmail.com](mailto:bernardobuarque@gmail.com)

## INTRODUÇÃO

...football does not simply reflect society or culture, but is part of a general process of the way society models some of its central existential, moral and political issues.

*Eduardo Archetti*

O presente artigo se atém a um modo específico de narrativa esportiva, aquela veiculada pela imprensa escrita, e a um caso particular de narrador, o escritor José Lins do Rego (1901-1957). Autor de mais de mil e quinhentas crônicas esportivas, Lins do Rego publicou seus textos sobre futebol na coluna “Esporte & Vida”, do *Jornal dos Sports*, ao longo de 12 anos, entre 7 de março de 1945 e 20 de julho de 1957, a convite do amigo e jornalista Mario Rodrigues Filho.

Mais conhecido do grande público por obras de romancista, expoente do moderno regionalismo brasileiro, a série de crônicas aqui enfocada possibilita perceber outra faceta da produção do autor, bem como conhecer sua atuação no universo literário-desportivo do Rio de Janeiro.

O argumento aqui proposto é o de que a especificidade de seus artigos de jornal, frente aos demais cronistas de sua época, consistiu em um modo de utilização muito próprio dos símbolos dos times de futebol existentes no Rio de Janeiro, durante os anos 1940 e 1950. De forma alusiva, o autor se valia do caráter moral das equipes, personificadas nos mascotes dos clubes, e da descrição ficcional das partidas de futebol, sob a forma de um campo de batalhas, onde figuravam esses seres animados, com características zoomórficas e antropomórficas.

Tal linguagem figurada, longe de ser estranha ao ambiente de então, baseava-se nas personagens já existentes nas páginas do *Jornal dos Sports* daqueles anos, especialmente nas charges disseminadas pelo periódico de Mario Filho, assinadas pelo argentino Lorenzo Molas e por um brasileiro cujo pseudônimo no periódico era Otelô Caçador. Tais charges humorísticas, por sua vez, aproveitavam alguns dos heróis e vilões das revistas em quadrinhos da Walt Disney para popularizar o universo futebolístico e para buscar pontos de familiaridade com seus leitores.

A análise do conteúdo e forma da coluna esportiva de José Lins do Rego evidenciará, a seguir, de que maneira, mais do que os modos de narração oral trazidos pela Era do Rádio nos anos 1930, a crônica do período posterior à Segunda Guerra Mundial (1939-1944) dialogou com as mudanças provenientes dos recursos técnicos, gráficos e visuais implantados nos jornais do país. Os periódicos assistiam a uma alteração interna da relação entre texto e imagem, com o crescimento de importância desta sobre aquele, o que repercutiu nas crônicas e, em particular, nos textos de José Lins do Rego.

Junto a esse processo, nota-se, também, a presença crescente das histórias em quadrinhos norte-americanas nos hábitos de leitura e consumo nacionais e sua incorporação na temática esportiva. Nesse novo quadro, Lins do Rego anima suas crônicas sobre as partidas de futebol por meio da alegoria dos desenhos dos caricaturistas, em que figuravam o Marinheiro Popeye (símbolo do Flamengo), o Pato Donald (representante do Botafogo), entre outros.

Postulamos aqui que José Lins do Rego, notório entusiasta do Clube de Regatas do Flamengo, adaptou a sua linguagem para atingir um maior grau de interação com os leitores. Desse modo, o próprio cronista, ao descrever alegoricamente os jogos do Campeonato Carioca, era visto também como um torcedor, passível de aplausos e admirações, bem como de críticas e de reações, às vezes enfiadas, dos adversários. As identidades clubísticas foram, desse modo, alvo de um investimento acalorado do escritor, capaz de atrair ainda mais o interesse do leitor-torcedor para o âmbito dialógico do jornal.

Neste artigo, abordam-se, de início, o tipo de jornal e o gênero de crônica esportiva em questão. Trata-se de apresentar os contornos do debate sobre a “crônica esportiva moderna”, desde que a sua condição narrativa se torna mais bem demarcada a partir dos anos 1930, com os escritos de Mario Filho. A par dos debates críticos em âmbito acadêmico sobre o mesmo, tal jornalista é aqui referido porque constitui a matriz a partir da qual se desenvolve a produção cronística de José Lins do Rego.

Na segunda seção, serão apresentadas as circunstâncias de emergência da crônica esportiva após a Segunda Guerra Mundial, em particular as influências recebidas pela cultura de massas, que se difunde no Brasil com a introdução das imagens coloridas nos jornais e nas revistas, e com os recursos pictórico-imagéticos das charges e das caricaturas existentes no interior do *Jornal do Sports*.

Por fim, na terceira seção, são dados exemplos das crônicas de José Lins do Rego que tematizam os clubes de futebol a partir da linguagem figurada e dos desenhos. A fomentação das identidades clubísticas informava o tom dos textos de um cronista que assumia a sua dupla condição, qual seja, a de escritor e a de torcedor.

Em vez de acentuar a suposta superioridade intelectual do romancista, Lins do Rego levava sua linguagem literária para o seio da crônica, aproveitando-se dos potenciais fabulativos já presentes no universo dos leitores. A “circularidade cultural”<sup>1</sup> com o grande público, fã de esportes e consumidor de jornais esportivos, será completada pelo nivelamento do escritor à posição do leitor. Para isso, assumia o ponto de vista de um inveterado torcedor de um dos clubes mais populares do país, o Flamengo, e traduzia seu entendimento do jogo a partir das imagens de mais fácil acesso, tais como as difundidas pelas charges e pelas HQs.

## O POMO DA DISCÓRDIA: A CRÔNICA ESPORTIVA DE MARIO FILHO

A obra do jornalista Mario Rodrigues Filho tem sido alvo de intensos debates acadêmicos nos últimos anos. Um dos pontos centrais da discussão reside na utilização de seus escritos como fontes para a pesquisa histórica. Parte expressiva das crônicas de Mario Filho, publicadas nos anos 1940, retratou a história do futebol brasileiro com base em sua memória de jornalista e em sua escrita romanesca, que procurava dar tons literários à experiência colhida em entrevistas com jogadores do passado.

---

<sup>1</sup> Cf. GINZBURG. *O queijo e os vermes: as idéias e o cotidiano de um moleiro perseguido pela inquisição*; BAKHTIN. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*.

A reação de autores das Ciências Sociais contemporâneas ao trabalho de Mario Filho<sup>2</sup> se deve à importância e à visibilidade alcançadas pelos textos do jornalista, reunidos basicamente no livro *O negro no futebol brasileiro* (1947). Essa obra foi em seu tempo objeto de interesse de seus pares, dentre os quais se destacou o irmão Nelson Rodrigues. Por ocasião da morte de Mario Filho, em 1966, o dramaturgo publicou o artigo “O homem fluvial”, no qual procura definir o significado do irmão para o futebol brasileiro.

Nesse texto, Nelson Rodrigues coloca o irmão mais velho na posição de um renovador, quando não um revolucionário, da crônica esportiva moderna. Foi ele capaz de fazer da mesma um meio de inovação estilística, temática e linguística, à altura do que fora a Semana de Arte Moderna de 1922 para as artes e a cultura nacional. Ante uma crônica esportiva fria, impessoal e objetiva, permeada de termos técnicos em inglês, Mario Filho abraçou o vocabulário futebolístico, simplificou suas expressões, alterou o foco das reportagens e passou a contar casos saborosos do campo de jogo.

Tal versão inovadora, consagrada por Nelson Rodrigues, recebeu novo apoio no início da década de 1990, quando o jornalista Ruy Castro publicou a biografia do dramaturgo, em *O anjo pornográfico*. Ao falar da família e, em particular, daquele irmão de Nelson, ainda que secundariamente, voltou a enfatizar o pioneirismo do “inventor de multidões” e contribuiu para a cristalização dessa imagem de Mario Filho.

Assim, na discussão sobre o desenvolvimento do gênero da crônica esportiva no Brasil, a obra de Mario Filho aparece identificada como um divisor de águas. Teria sido ela uma das principais promotoras da modernização da linguagem e foi ela capaz de acompanhar um processo mais amplo de transformação do futebol em um esporte profissional, voltado para o lazer das massas nas grandes cidades.

A reação de setores da Academia à versão enaltecida de um personagem da imprensa esportiva asseverou os limites epistemológicos do uso daqueles registros escritos. No âmbito da narrativa, o aspecto mais taxativo foi o emprego acrítico dessa fonte, sem que se levassem em consideração as ambivalências entre fato e ficção, entre ciência e arte. O impressionismo e a subjetividade, características de Mario Filho, eram os elementos que requeriam cautela por parte do pesquisador no recurso a tal documentação.

Não é possível, nos limites deste artigo, abordar a recepção à obra de Mario Filho, discutir se esse foi de fato o pioneiro na renovação da crônica esportiva, nem tampouco debater sobre a epistemologia das relações entre jornalismo, literatura e história.<sup>3</sup> Ao evocarmos o “pomo da discórdia”, visa-se aqui tão somente acentuar os aspectos narrativos comumente atribuídos ao jornalista, a fim de entender sua influência sobre os elementos fictícios e alegóricos presentes na série de crônicas esportivas de José Lins do Rego.

A modernização do jornalismo esportivo remonta aos anos 1930 e 1940, quando Mario Filho comanda a seção de esportes do jornal *O Globo* e torna-se proprietário do

---

<sup>2</sup> Cf. SOARES. *Futebol, raça e nacionalidade no Brasil* – releitura da história oficial; PEREIRA. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)*.

<sup>3</sup> Cf. SOARES; HELAL; LOVISOLO. *A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria*.

*Jornal dos Sports*. Naquele momento, sua ação compreendeu a valorização de um gênero tido como menor pela grande imprensa, nas primeiras décadas do século 20. A uma crônica *sobre* os esportes, fixa-se, a partir de então, uma crônica *dos* esportes, dotada de autonomia e de características próprias.

Tal valorização não aconteceu de maneira isolada no projeto do empresário Mario Filho. Ela integrou-se a mudanças de ordem técnica e visual, como a disposição das fotos e das matérias na economia interna do periódico. Um novo estatuto da imagem e da diagramação foi proposto, com manchetes mais exclamativas e com legendas mais chamativas, a trazer títulos e subtítulos mais atraentes para o público interessado.<sup>4</sup>

A linguagem da crônica, em específico, passava por mudanças que procuravam uma interação mais dinâmica e comunicativa com o leitor. Além de uma escrita mais coloquial e menos bacharelesca, propunha-se o estabelecimento de uma relação mais próxima entre o cronista e o leitor. Esta era alcançada por meio de uma interlocução que se valia também da oralidade e que transformava a crônica em uma espécie de conversa por escrito, mais espontânea e mais despojada, que adquiria continuidade no dia a dia do jornal.

Em suma, eram essas as bases jornalísticas e literárias inauguradas por um novo paradigma de crônica esportiva. Em um quadro mais abrangente, tais mudanças sucediam em boa parte dos textos jornalísticos escritos por literatos na década de 1930, conforme aponta Antonio Candido.<sup>5</sup> Segundo Jorge de Sá, o “lirismo da crônica” se associa ao “subjetivismo do escritor”.<sup>6</sup>

No caso do *Jornal dos Sports*, a fixação do gênero da crônica esportiva ocorrerá em um periódico caracterizado por diversos tipos de texto: reportagens sobre as várias modalidades de esporte, editoriais dos chefes de redação, colunas sociais sobre a vida mundana, em uma variedade interna que se estendia até as cartas dos leitores. Para a consecução do gênero, Mario Filho contratou e formou uma geração de cronistas, no correr dos anos 1940 e 1950. Com perfis variados entre si, eles compartilhavam daqueles princípios balizadores da chamada “crônica esportiva moderna”.

Geraldo Romualdo da Silva, Pedro Nunes e Leonam Pena foram alguns desses cronistas. Mario Filho publicava também a crônica de jornalistas esportivos internacionais, como Albert Laurence, Willy Meisl e Giampoli Pereira. Além destes, manteve a coluna de uma mulher, Florita Costa, um caso raro de cronista do sexo feminino a escrever sobre futebol. Por fim, em uma lista não exaustiva, destaquem-se os nomes de Vargas Neto, João Lyra Filho, Luiz Galotti e Mario Pólo.

José Lins do Rego é levado a compor a equipe de cronistas do *Jornal dos Sports* em março de 1945. Mario Filho havia-o conhecido dois anos antes, na redação do jornal *O Globo*, onde Lins do Rego começava a escrever sobre esportes. Já em sua crônica de estreia, o escritor observava o potencial de proximidade, comunicação e contato popular

---

<sup>4</sup> Cf. SILVA. *Mil e uma noites de futebol: o Brasil moderno de Mario Filho*. Cf. também LEITE LOPES. A vitória do futebol que incorporou a pelada.

<sup>5</sup> Cf. CANDIDO. *A vida ao rés-do-chão*.

<sup>6</sup> Cf. SÁ. *A crônica*.

de que era capaz o futebol. Naquele texto, intitulado “Volta à crônica”, lembrava que o reconhecimento público gerado por sua coluna de esportes transcendia em popularidade tudo o que havia vivenciado em seus artigos sobre literatura e política.

José Lins encontrava oportunidade no *Jornal dos Sports* para forjar um estilo narrativo próprio e para refletir sobre assuntos os mais diversos. No projeto de Mário Filho, a crônica objetiva, fria e impessoal das primeiras décadas do século, limitada à informação do campo de jogo, cede lugar a uma crônica autônoma, de cunho autoral. Esta abria margem para a narração de um caso ou de uma história, para a manifestação da subjetividade do cronista e para a formação de um estilo que variava segundo cada colunista.

O tipo estilizado e personalizado da crônica podia ir de uma alentada apreciação crítica acerca de um livro recém-publicado até um texto de curta extensão, com não mais do que seis ou sete linhas; a coluna de José Lins podia oscilar de um comentário banal sobre um jogo ocorrido no dia anterior até uma crônica sobre o caráter nacional brasileiro, expresso pelo futebol, por ocasião, por exemplo, de uma Copa do Mundo.

A crônica constituía-se, dessa maneira, em um gênero polimórfico, tal como a definia a historiadora Margarida de Souza Neves.<sup>7</sup> A flexibilidade formal e conteudística se manifestará nas crônicas de José Lins do Rego. Podia assemelhar-se ao formato de uma carta, de um conto, de um poema, de um ensaio ou até de um manifesto. Era possível comentar sobre um telefonema recebido, uma conversa com um amigo, uma cena observada inadvertidamente no campo: em suas liberdades expressivas, tudo, em princípio, era matéria de crônica, dada a sua condição de brevidade e de efemeridade.

Uma das formas de narração escolhidas para ser examinada doravante diz respeito à utilização recorrente do ficcional por José Lins do Rego. O emprego de personagens das charges e das histórias em quadrinhos foi utilizado como recurso retórico para falar ficticiamente dos clubes e das partidas.

Antes de tal exame, é preciso que se entenda a razão da presença das imagens no meio futebolístico de meados do século 20. Convém, para tanto, acompanhar as transformações gráficas em curso no *Jornal dos Sports*, a fim de perceber o novo influxo da cultura de massas no Brasil, em contexto subsequente à Segunda Guerra Mundial.

## **O PRIMADO DO VISUAL: AS CHARGES NO *JORNAL DOS SPORTS***

É possível afirmar que os esportes, e o futebol em específico, desenvolveram-se articulados ao advento dos meios de comunicação de massa: de início, com o jornal, na virada do século 19 para o 20; em seguida, por meio do rádio, na década de 1930; e, com o advento da televisão, no início dos anos 1950. Cada um desses suportes possibilitou alavancar e ampliar a abrangência da difusão esportiva, atingindo uma escala planetária no final do século 20.

No contexto da Segunda Guerra Mundial, e nos anos posteriores, o Brasil assistiu a um estreitamento da influência dos Estados Unidos, não apenas do ponto de vista político-econômico, como também no âmbito da cultura. A política cultural norte-

---

<sup>7</sup> Cf. NEVES. História da crônica. Crônica da história.

americana destinava-se à América Latina e procurava proteger o continente das ideias comunistas. Para isso, estimulavam-se, entre outros, a diplomacia e a penetração do cinema industrial proveniente de Hollywood, com suas histórias e suas ideologias explícitas ou subliminares.

Um exemplo da influência cinematográfica dos Estados Unidos sobre o Brasil foi a visita do mega produtor Walt Disney no início dos anos 1940. Depois de filmar o premiado *Fantasia*, Disney veio em visita ao Brasil no ano de 1941, com vistas, entre outros motivos, a estreitar o pan-americanismo e a disseminar a cultura norte-americana no país. A criação de um personagem tipicamente brasileiro remonta a essa viagem.

O tipo infantil criado por Walt Disney foi o papagaio Zé Carioca, logo inserido no desenho animado do seu filme seguinte, *Alô amigos* (1942). Neste, protagoniza a figura do malandro carioca que recebe Pato Donald, símbolo hollywoodiano do cidadão comum norte-americano. Conforme situa a antropóloga Lilia Moritz Schwarcz:

... é esse o período da criação do famoso Zé Carioca, que representava de forma mimética a simpática malandragem carioca, na recusa ao trabalho regular e na prática de expedientes temporários que garantiam uma boa sobrevivência. Nesse ambiente, samba, festa, capoeira e malandragem eram temas entrelaçados...<sup>8</sup>

Com mais riqueza de detalhes, e a sugerir uma “política da boa vizinhança na cultura futebolística”, o pesquisador Flávio Pessoa acrescenta:

Começando com aparições esporádicas em cinejornais que antecediam as sessões de cinema da cidade desde 1940, o mais célebre pato dos estúdios Disney “chegaria” à imprensa brasileira através d’O *Globo Juvenil*, a partir de 7 de março de 1942. No mesmo ano, as indústrias Matarazzo lançavam uma coleção de figurinhas dos personagens Disney. O ano de 1942 ainda marca a produção do filme *Alô, amigos*, lançado no Brasil no ano seguinte. O filme mesclava cenas de documentário com animação, em que desenhistas dos estúdios de Walt Disney faziam um *tour* pela América do Sul, com a missão de buscar inspiração para criar novos personagens latinos a juntar-se à galeria de personagens do popular estúdio americano. Surgia assim o Zé Carioca, ciceroneando Donald em sua visita ao Rio de Janeiro, promovendo um encontro que ficaria marcado como forte ícone da política de boa vizinhança. Anos depois, já em 1950, a revista do Pato Donald se tornaria um dos primeiros lançamentos da Editora Abril, o que sugere um relativo sucesso do filme, ao trazer o mais famoso papagaio carioca nas primeiras capas da revista do amigo americano.<sup>9</sup>

O impacto e a importância desses seres animados não seriam desprezíveis. Os filmes infantis e as revistas coloridas cumpriram esse papel de difusoras de personagens dotadas de valores e de uma moralidade que transcendiam sua aparente dimensão de inocência lúdica, de gratuidade imaginativa ou de puro divertimento.

De modo até certo ponto intrigante, as figuras animadas nos cinemas, nos álbuns de figurinhas e nas revistas em quadrinhos não tardariam a ser apropriadas por Mario Filho. O futebol ia sendo massificado também ao absorver linguagens em circulação pela indústria cultural, oriundas não só do universo esportivo. De maneira quase

<sup>8</sup> Cf. SCHWARCZ. O complexo de Zé Carioca: notas sobre uma identidade mestiça e malandra, p. 3.

<sup>9</sup> PESSOA. *Humor político e social nas charges de Lorenzo Molas e Henfil no Jornal dos Sports*, p. 30.

concomitante, ao longo da década de 1940, as páginas do *Jornal dos Sports* passaram a ser povoadas por figuras como o Pato Donald e o Marinheiro Popeye, com seus motivos temáticos – histórias de aventuras, guerras e dramas – e com seus traços psicológicos adaptados ao mundo infanto-juvenil.

Com o propósito de divulgar os clubes do Rio de Janeiro, o jornal de Mario Filho transpunha esses tipos caricaturais para a imagem dos times de futebol. Como é lícito supor, isso facilitava a sua assimilação entre estratos mais amplos da população, com a substituição da soma das palavras pelo traçado dos desenhos. Os clubes viam-se referidos a um novo sistema de representação simbólica, que procurava animar e dar um colorido especial à insígnia daquelas agremiações.

A influência das artes gráficas e das fotografias coloridas se manifestava entre as mais expressivas revistas brasileiras, a exemplo de *O Cruzeiro* (1928) e de *Manchete* (1952). As caricaturas e as histórias dos famosos gibis inseriam o futebol dentro da discussão sobre a sociedade de consumo e a cultura do entretenimento, em particular os ícones estadunidenses massificados. Elas apontavam seus significados para dimensões importantes na construção do imaginário clubístico do torcedor.

No *Jornal dos Sports*, a presença das histórias em quadrinhos nas representações dos clubes cariocas e na criação de personagens do universo esportivo, embora estivesse relacionada à emergência da indústria cultural, dos *comics* e dos cartuns norte-americanos, tinha como responsável um autor que provinha de um país sul-americano vizinho: a Argentina.

O cartunista argentino Lorenzo Molas é contratado por Mário Filho para ilustrar aquele que se autointitulava “o matutino esportivo de maior circulação na América do Sul”. Ele chega ao Brasil em junho de 1944 e permanece no país até agosto de 1947. Criam-se então, nos anos de 1940, aqueles que seriam os símbolos dos principais clubes do Rio de Janeiro, a saber: o Marinheiro Popeye (Flamengo), o Almirante (Vasco da Gama), o Cartola (Fluminense), o Pato Donald (Botafogo) e o Diabo (América).

Tais símbolos perdurariam até o final da década de 1960, quando da chegada do cartunista Henfil ao *Jornal dos Sports*. O chargista substitui aqueles símbolos por outros emblemas e lança as caricaturas que são até hoje reconhecidas pelos torcedores, tais como o Urubu, do Flamengo, o Bacalhau, do Vasco da Gama, o Pó de Arroz do Fluminense e o Cachorro (ou Cri-Cri), do Botafogo.

A criação de personagens como o Marinheiro Popeye e o Pato Donald por parte do cartunista argentino era, em verdade, uma adaptação para o jornalismo esportivo brasileiro, pois o Marinheiro Popeye havia sido criado pelo norte-americano Elzie Segar, em 1929, assim como o Pato Donald fora uma criação de Walt Disney, no ano de 1938.

Não se pode afirmar que essa adaptação de personagens das HQs dos Estados Unidos fosse algo inédito no Brasil, pois, desde 1905, a revista *O Tico-Tico* já integrava figuras como o Mickey Mouse e o Gato Felix ao consumo infanto-juvenil. Na caricatura, a autonomia também tinha destaque na produção nacional, com J. Carlos, K. Lixto e Belmonte, cartunistas cujas trajetórias marcaram a “cultura impressa brasileira”, segundo Herman Lima.<sup>10</sup>

---

<sup>10</sup> LIMA. *História da caricatura no Brasil*.



A proliferação desse gênero de histórias cômicas se daria efetivamente nas décadas de 1930 e 1940, quando se generaliza um sem-número de álbuns, almanaques, tiras diárias e suplementos dominicais nos jornais brasileiros, movimento mais amplo do qual participa o “Cor de Rosa”.<sup>11</sup> Entre os decênios de 1940 e 1950, o caricaturista Péricles faria enorme sucesso com seu personagem irônico “O Amigo da Onça”.

No enredo das charges do cartunista argentino, todos os clubes, personificados em seres animados, cortejavam a Miss Campeonato, tipo feminino que fundia o modelo de beleza de mulher da época com o título esportivo do ano. Com a introdução dessa “miss”, insinuava-se uma associação que seria muito explorada no imaginário esportivo, entre futebol e erotismo, entre conquista e afirmação da masculinidade. Já no final de 1945, o *Jornal dos Sports* anunciaria o lançamento de um álbum de charges dedicado à “musa mais cobiçada dos clubes cariocas”.

Os clubes eram, pois, representados da mesma forma que um indivíduo real, ao mesmo tempo uno e coletivo, dotado de caráter e personalidade. Como qualquer ser humano, a sua trajetória era vivenciada por momentos de alegria e tristeza, êxito e frustração, glória e infortúnio.

Os atributos concedidos a cada personagem davam bem a medida dos traços que se gostariam de imputar a cada equipe. A fibra do Popeye, a grã-finagem do Cartola, a solércia do Almirante ou o mau-humor do Pato eram qualidades tão jocosas quanto caricaturais, definidoras de cada um dos clubes populares do Rio.

Essas representações alegóricas atribuídas aos clubes de futebol não passariam despercebidas por José Lins do Rego e seriam estrategicamente inseridas em seus textos diários. Na terceira e última seção do artigo, dão-se exemplos da animação dessas personagens na coluna de Lins do Rego e explora-se o modo ficcional como elas aparecem retratadas nas narrativas do escritor.

#### **ENTRE NAUS, ALMIRANTES E MARINHEIROS: AS CRÔNICAS FIGURADAS DE JOSÉ LINS DO REGO**

Algumas questões se colocam para uma apreciação das crônicas de José Lins: por que, mais do que qualquer outro dos cronistas contemporâneos, foi esse romancista quem se apropriou de tal linguagem disponível no jornal? Que efeitos o escritor buscava nessa estratégia discursiva? Visava facilitar a compreensão dos leitores? Queria ele explorar o potencial imaginativo de seu público? Ambicionava estar o mais perto possível do imaginário dos torcedores?

Dentre as possibilidades, pode-se supor que sua condição de romancista contribuiu para a ênfase na linguagem figurada. Ainda que simplificados, pois limitados ao pequeno espaço das crônicas, o apelo ficcional e o expediente linguístico parecem ter sido bastante atraentes ao romancista, haja vista o número de títulos alusivos à literatura: “As rãs e o ogro”; “Molière, onde estás”; “Um inglês de Dickens”; “O negrinho do pastoreio”; entre outros motes literários.

---

<sup>11</sup> Nome pelo qual era conhecido popularmente o *Jornal dos Sports*.

Outro aspecto a ser ponderado diz respeito à própria relação de José Lins do Rego com os quadrinhos. José Lins destacou-se em seu tempo por ser um escritor com uma vendagem relativamente boa no mercado de livros brasileiros. Talvez por isso, a série “Edição Maravilhosa”, durante os anos 1950, tenha quadrinizado quatro de seus romances, com desenhos de texto assinados por André Le Blanc: *Cangaceiros* (n. 84); *Menino de engenho* (n. 100); *Doidinho* (n. 124); e *Pedra bonita* (n. 200).

Acrescente-se que a Rio Gráfica e Editora foi responsável pela quadrinização de *Eurídice* (n. 9), com desenhos de Gutemberg Monteiro. Em 1959, veio a lume ainda uma esmerada edição de *Menino de engenho*, a cargo da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil, com gravuras de Cândido Portinari, que já havia ilustrado *Cangaceiros*, quando este apareceu, originalmente, sob a forma de folhetins na revista *O Cruzeiro*.

A propensão ao ficcional e a familiaridade com o universo dos quadrinhos são dois indícios plausíveis para a explicação do acolhimento da linguagem figurada por José Lins. A esses recursos se soma a intenção de entreter o público futebolístico, a ponto de fazer dos campeonatos entre os clubes um reino de aventuras e desventuras – um terreno de experiências cuja dimensão lúdica é sempre realçada.

Da leitura serial das mais de mil e quinhentas crônicas do autor, em meio aos mais diferentes tipos de narração animada, elegemos dois pontos para a descrição: a personalização dos clubes e a sublimação das partidas por meio de batalhas figuradas, tanto em terra quanto em mar.

No primeiro caso, tratou-se de transfigurar homens em animais, como se os torcedores personificassem bichos ou seres fantasiosos. A crônica “O pato feliz”, por exemplo, alude a uma conversa entre José Lins do Rego e um torcedor do Botafogo. Em vez de reportá-la como se dera de fato, recorre à metamorfose de um homem em uma ave, a fim de destilar sua ironia contra o adepto do time rival.

A descrição indica bem esse grau de indeterminação entre o elemento real e o ficcional, na caracterização de um clube como ente humano ou animal:

Fui outro dia a uma festinha de família, e lá encontrei a criatura mais eufórica do mundo: o nosso caro Pato Donald, na mais absoluta alegria, de penas em muda completa. Então, em tempos vividos como os que estamos vivendo, foi-me um regalo escutar as satisfações do Pato, todo ancho, todo seguro de que para este ano não há mais graça: o campeonato é do Botafogo. Mas tudo estaria muito bem, estaria mesmo na realidade do comportamento psicológico do pato, se não fosse a piedade de que está possuído ele em relação ao Flamengo. Quis animar o “raivoso” e convencer-lhe de que não estava na última lona o marinheiro Popeye. Para não ser uma criatura inteiramente feliz, havia, para Donald, as desgraças do Flamengo. Agradei todos os cuidados do amigo Pato, mas, embora não estivesse autorizado pelo camarada Popeye, fui franco com o eufórico. Caro Pato, disse-lhe: “você cuide de suas telhas de vidro que nós cuidamos das nossas. Porque muita chuva de pedra ainda vem aí.”<sup>12</sup>

Em texto mais reflexivo, intitulado “O cachorro e o corvo”, aponta para o sentido positivo do reino animal no universo esportivo. A justificativa para a personificação dos clubes estaria no próprio apreço supersticioso dos torcedores pelos bichos na identificação dos clubes:

---

<sup>12</sup> Cf. “O PATO Feliz”, *Jornal dos Sports*, p. 5, 18 set. 1948.

Os fãs do futebol são criaturas por demais dadas a superstições, a procurarem nas coisas inanimadas ou nos animais inspirações para a sorte de seus favoritos. Agora se estabeleceu uma luta cruenta entre duas espécies de classe zoológica. O cachorro do Botafogo e o corvo do Vasco se preparam para uma batalha como se estivessemos em desenho de Walt Disney. Vamos ver quem levará a melhor na contenda. Todos nós sabemos que um cachorro é um cachorro, e que um corvo é um corvo. Se o Pluto é uma tenacidade de quem não larga o osso, o corvo de Poe é aquele que só sabe dizer “jamais”. E este “jamais” do corvo pode parecer uma advertência ao Botafogo.<sup>13</sup>

Ao lado da personificação dos clubes, a ficcionalização das partidas de futebol é um segundo dado que sobressai das crônicas de José Lins. Sua matriz, é válido ressaltar, era oriunda das charges de Lorenzo Molas. O recurso às metáforas e às alegorias das partidas complementava no plano do texto escrito aquilo que o cartunista argentino fazia no plano da comunicação visual. Corroborava-se a ideia de que se vivia em um período de prevalência da imagem sobre a escrita.

Dentre os elementos utilizados por José Lins do Rego, um dos que mais se adequavam a uma ficcionalização das partidas eram as analogias entre o jogo e a guerra. Pode-se dizer que essas analogias já eram antigas e recorrentes na linguagem esportiva, pela importância que assumiam desde os primórdios do futebol expressões táticas militares como a ocupação dos espaços; o ataque, a defesa e o contra-ataque; o avanço e o recuo do grupo.

A própria palavra *peleja* significa “combate”, “luta”, “batalha”, e era muito usada, à época, para descrever uma partida de futebol. Ela, para ficarmos em um exemplo, mostra bem a ambivalência da linguagem esportiva no tocante aos termos das estratégias bélicas e militares, sobretudo quando convertidas ao horizonte lúdico e bélico das histórias em quadrinhos.

O mais impressionante é perceber quão incorporada estava essa temática à narrativa das crônicas de José Lins do Rego. Tal dicção sublimava a tensão agonística e realçava o caráter marcial latente nos jogos. Nessas crônicas, suspendiam-se os compromissos mais imediatos de José Lins do Rego com a verossimilhança ou com o simples relato de uma partida, condição do comentarista ou especialista esportivo, para se reportar a uma descrição alegórica em que o campo de futebol se transfigura em um campo de batalha.

Em “Vascaínos e tricolores”, o cronista apresenta as características daqueles que seriam os dois principais “inimigos” do Flamengo. O perfil de cada equipe, assim, traduzia-se nos termos mais gerais de uma estratégia de guerra e no sentido mais instintivo de proteção ao território:

Sou cioso do meu clube como de minha família. O Flamengo para mim mais vale do que um clube de futebol. É um território como a minha Paraíba. Por isso quando vejo mouros na costa, me acirro em posição de aguerrida defesa. Sei que temos inimigos poderosos. Sei que os mouros não nos deixam em calmaria. Portanto, estarei sempre na estocada, pronto para as investidas. Temos inimigos e inimigos. Há o Vasco. Mas o almirante então age debaixo de sete capas. É inimigo de campo raso. Há o Fluminense. Este possui manhas perigosas. Usa a cabeça mais do que os braços e sabe lutar em escarpas de montanhas. As suas táticas são de tratados. Devemos ter muito mais cuidado com um tricolor do que com

---

<sup>13</sup> O CACHORRO e o corvo, *Jornal dos Sports*, p. 9, 3 out. 1948.

um vascaíno. Acredito que os tempos não são fáceis para nós outros. O Fluminense domina a CBD. Para tanto Mário Pólo operou com a sabedoria de Ulisses e derrubou a todos os troianos. As táticas de almirante são de abordagem. Espada a espada, trabuco a trabuco. Nada de emboscadas meticulosas. Mas nós conhecemos vascaínos e tricolores.<sup>14</sup>

Mais do que conflitos em “campo raso” ou em “escarpas de montanha”, o mar, com suas “ilhas” e “abrolhos”, era o espaço preferido por José Lins do Rego para narrar as partidas de futebol. A referência ao Vasco como o “Almirante” e ao Flamengo como o “Marinheiro” contribuía também para que a alusão aos jogos se desse sob a atmosfera marítima, sendo protagonizada por esses dois personagens que dispunham imaginariamente de naus e bombas, de tanques e caravelas, de esquadras e mestres de navegação.

Além da alegoria econômica que opunha Fluminense (opulento, rico e nobre) e Flamengo (reles, simples e pobre), o contraste simbólico-hierárquico entre a frota do Almirante – superior – e a tropa do Marinheiro – inferior – favorecia também uma conexão direta entre Vasco e Flamengo como, respectivamente, clube colonizador e clube plebeu, clube opressor e clube oprimido.

Nessas ocasiões, dramatizava-se igualmente um embate de fundo histórico:

Na noite de ontem a invencível armada perdeu uma nau em más condições. A batalha se feriu em mar calmo, e a nau capitânea nem pôde perceber a sua unidade que fora a pique, como um veleiro desarmado. Popeye, o marinheiro de todos os mares, mandara os seus meninos para o serviço em regra. E tudo foi feito como em matança de inocentes. O orgulhoso Almirante de longas bigodeiras e de relógio pataco na algibeira não teve tempo de ensinar manobra nenhuma. Num abrir e fechar de olhos, tudo se consumira. E vi Popeye, às gargalhadas, naquele seu deboche de marítimo atrevido. Dizem que os moços de bordo do almirante enfiaram para um canto. Já havia ração dobrada para a marujada. É pena, porque o Almirante gosta mesmo de festa, e já tinha uma dúzia de faixas com todos os arrebiques para o delírio do foguetório.<sup>15</sup>

É possível dizer que as dicotomias que rotulavam os clubes como colonizador e colonizado, herói e vilão, bárbaro e civilizado, nativo e forasteiro, senhor e vassalo, tão bem adequadas à narração maniqueísta das histórias em quadrinhos, estendiam-se para além dos estereótipos construídos acerca de Vasco e Flamengo. José Lins do Rego o fazia também confrontando as grandes equipes, como o Vasco, o Flamengo e o Botafogo, às pequenas equipes cariocas do Madureira, do São Cristóvão e do Olaria.

Se Seu Leopoldino (Bonsucesso) já pegara o Pato (Botafogo) “pelo bico”, num 3 x 0 incontestável, a pequena equipe do Olaria, na época conhecida ficcionalmente como a dos índios antropófagos, muito temidos quando jogavam em seu estádio, a “Taba dos Bariris”, devorara certa feita o poderoso Almirante.

Na clássica oposição entre as naus portuguesas e as pirogas dos índios bariris, há de se ressaltar mais uma vez a força dos mitos de fundação no imaginário clubístico do período, que se confundiam, ainda que de uma maneira bem remota e diluída, com uma das imagens mais genéricas de um dos mitos de fundação do próprio país, a antropofagia:<sup>16</sup>

<sup>14</sup> Cf. JORNAL DOS SPORTS, 24 mar. 1957, p. 13.

<sup>15</sup> Cf. “NAU a pique”, *Jornal dos Sports*, p. 3, 6 jul. 1945.

<sup>16</sup> Cf. NUNES. *Oswald canibal*.

Os índios bariris começaram a sua série de sacrifícios antropofágicos, devorando, em banquetes de rito sagrado, as esperanças do Flamengo e do Botafogo. Quando o Popeye caíra vencido, muito bem vencido, houve quem só visse a fraqueza do marinheiro boêmio. Mas, no outro domingo, o esquadrão poderoso do Botafogo, com todos os seus valores, com as táticas e engenhos de um técnico que vale um exército, era devorado pela fome dos índios com o diabo no corpo. Dizem, porém, que o velho Almirante de tantas glórias em inflação, já convocou os seus casacas, os seus corvos, os seus moços de bordo, para botar para correr a fúria selvagem dos terríveis bariris.<sup>17</sup>

Tema explorado mais de uma vez, Lins do Rego volta ao ritual de vingança dos mais fracos sobre os mais fortes, quer seja invocando a parábola bíblica de Davi contra Golias, quer seja dramatizando a vitória dos aborígenes contra os invasores, como na citação acima e em diversos outros que compõem sua coluna.

## CONCLUSÃO

A difusão das representações e das dramatizações dos clubes nas crônicas esportivas foi proporcionada pela popularização das charges de Lorenzo Molas e suas congêneres em escala nacional, utilizando-se de tipos caricaturais como o almirante português, o índio selvagem ou o marinheiro boêmio. Por sua vez, observamos também que essa popularização foi ensejada pelo êxito que já haviam atingido as histórias em quadrinhos norte-americanas no plano internacional.

A aceitação do público leitor dos periódicos esportivos da visão de mundo presente na linguagem dos aparentemente inocentes personagens do mundo infanto-juvenil indicou o grau de assimilação processada no Brasil durante a década de 1940. O que saltou aos olhos nesse contexto – e o que constituiu o ponto de partida do presente trabalho – foi a receptividade irrestrita e até o entusiasmo de um escritor como José Lins do Rego, em face da influência de um típico fenômeno da cultura de massas no futebol.

Ao pensarmos sobre esse dado, até certo ponto intrigante, foi possível perceber em que medida o pensamento de José Lins do Rego se dirigia para um outro horizonte de entendimento da questão, anterior à reflexão sobre o advento da cultura de massas no Brasil e alheio à tradicional relação de desconfiança entre literatos e os esportes. De acordo com a linha de raciocínio do autor, o sucesso das charges esportivas dava-se na proporção em que seus criadores sabiam apropriar-se de elementos primitivos, provenientes de uma matéria-prima universal, desde sempre presentes na superstição e no imaginário popular.

O apego e a afeição dos espectadores de futebol a toda sorte de símbolos, emblemas, insígnias, mascotes, talismãs e totens, poderiam se dever, então, a essa predisposição a cultivar certas crendices animistas e a identificar-se com certas figuras icônicas, com certos objetos inanimados ou com certos seres irracionais.

Assim, por mais desenvolvido, moderno e racionalizado que fosse o futebol, por mais sofisticados e engenhosos que se tornassem seus produtos, por mais subliminares que fossem suas mensagens, oriundas de uma indústria cultural àquela altura em vias de plena estruturação, por mais que tudo isso se mostrasse dominante, pode-se dizer

---

<sup>17</sup> Cf. “OS BARIRIS e o Almirante”, *Jornal dos Sports*, p. 55, nov. 1947.

que a “psicologia coletiva” do torcedor estaria vinculada a uma maneira de comportar-se e de representar-se a si mesmo por meio dos clubes.

Talvez por isso o torcedor – modo pelo qual José Lins do Rego aludia ao que considerava o “povo” em sua acepção mais geral – se filiasse sem grandes restrições a esses símbolos zoomórficos e antropomórficos nos esportes.

Quiçá por isso também a indústria cultural,<sup>18</sup> em vez de ser uma via de mão única, impositiva, imperativa, a dirimir inexoravelmente as manifestações da cultura popular, obtivesse um alcance tão grande, sabendo penetrar no imaginário do agora *torcedor-consumidor* naquilo que ele tinha de mais elementar e estrutural.

Dessa forma, é possível aduzir por que razão Lins do Rego se esquivava de assumir uma visão unilateral das histórias em quadrinhos e de reprovar sua inserção na esfera de representação dos clubes. Sem a redução a um epifenômeno daquilo que na década de 1960 passaria a chamar-se de *mass media*,<sup>19</sup> privilegia-se o simples elogio daquilo que concebia como a fonte e o manancial da cultura popular.

É incontornável ainda dizer que a discussão sobre a indústria cultural remete, sob a égide dos teóricos da Escola de Frankfurt, de uma maneira quase automática, para a ideia de homogeneização, de standardização e de uniformização. Tais características da sociedade moderna distanciavam-se da defesa da “cor local” e pareciam elidir as particularidades nacionais.

Ainda que sustentasse o “sistema brasileiro de acomodação às realidades que vêm de fora” ou, dito de outro modo, a porosidade antropofágica da cultura brasileira, fator que explica sua adesão à linguagem das histórias em quadrinhos, era muito mais plausível para ele compreender tais representações clubísticas naquilo que se convencionava denominar folclore, superstição, cultura popular ou no puro prazer do jogo.

Ao aparecer de uma maneira sutil na complexa malha profissional e ideológica de que ia se revestindo a atividade esportiva no país e no mundo, é possível perceber de que forma a retórica da cultura popular permanecia ainda como um dos suportes principais para o discurso acerca da legitimidade do futebol na sociedade brasileira.

Se Walt Disney, com o Pato Donald, expandia sua linguagem sobre vários âmbitos da vida cultural brasileira, sendo saudado por José Lins do Rego mais como um artista do que como um empresário, mais como um autor do que como um produtor – no que contava com a aquiescência de Mário de Andrade<sup>20</sup> –, a sobrevivência de personagens como o Almirante e os Bariris, sátiras criadas por Lorenzo Molas para estereotipar a imagem do português e do índio no país, mostrava ainda a força das matrizes nacionais no imaginário do torcedor.

Tal fato contribuía também para que José Lins do Rego relacionasse sua visão do futebol com suas experiências literárias, existenciais e até telúricas, e para que, com a liberdade franqueada pela narrativa por Mário Filho, esse esporte viesse a se constituir em um universo permeável às mais diversas influências constituintes dos imaginários sociais circundantes.



<sup>18</sup> Cf. COELHO. *O que é indústria cultural?*

<sup>19</sup> Cf. CALDAS. *Cultura de massa e política de comunicações.*

<sup>20</sup> Cf. ANDRADE. *Fantasia de Walt Disney.*

## ABSTRACT

This paper analyzes the incidence of cartoons and comic book characters in sports chronicles written by José Lins do Rego from 1945 to 1957. It is argued that the frequent presence of figurative language in the novelist's column in *Jornal dos Sports* should be considered more than an author's idiosyncrasy or some kind of expressive ornament. Such language constitutes a communication strategy, for the author used large extracts of discourse of football fans, especially from supporters of clubs in Rio de Janeiro. Based on a more general debate on the question of narrative in chronicles and the spread of mass culture in Brazil through US juvenile comic books, we are able to see how Lins do Rego used this communicative strategy to foster club identity in Rio de Janeiro. The sports chronicle was a means for the author to get closer to the universe of supporters through mechanisms of identification and passional affiliation to the most popular football teams in Rio de Janeiro in the mid-twentieth century.

## KEYWORDS

Football, mass culture, club narratives

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Mario de. *Fantasia de Walt Disney*. In: ANDRADE, Mario de. *O baile das quatro artes*. São Paulo: Martins, 1975. p. 67-83.
- ARQUIVO Histórico do *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro: 1945-1957.
- BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Trad. Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2008.
- CALDAS, Waldenyr. *Cultura de massa e política de comunicações*. São Paulo: Global, 1986.
- CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: \_\_\_\_\_. *Recortes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 23-29.
- COELHO, Teixeira. *O que é indústria cultural?* São Paulo: Brasiliense, 1980.
- GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: as idéias e o cotidiano de um moleiro perseguido pela inquisição*. Trad. Maria Betânia Amoroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- LEITE LOPES, José Sérgio. A vitória do futebol que incorporou a pelada. *Revista da USP – Dossiê Futebol*, São Paulo, n. 22, p. 64-83, jun. 1994.
- LIMA, Herman. *História da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963. 2 v.
- NEVES, Margarida de Souza. História da crônica. Crônica da história. In: RESENDE, Beatriz (Org.). *Cronistas do Rio*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1994. p. 15-31.
- NUNES, Benedito. *Oswald canibal*. São Paulo: Perspectiva, 1979.
- PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: 2001.

PESSOA, Flávio Mota de Lacerda. *Humor político e social nas charges de Lorenzo Molas e Henfil no Jornal dos Sports*. Projeto de Qualificação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História Comparada (UFRJ). Rio de Janeiro: 2012.

RODRIGUES FILHO, Mario. *O negro no futebol brasileiro*. Prefácio de Gilberto Freyre. Rio de Janeiro: Mauad; FAPERJ, 2003.

SÁ, Jorge de. *A crônica*. São Paulo: Ática, 1985.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. O complexo de Zé Carioca: notas sobre uma identidade mestiça e malandra. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, n. 29, out. 1995. Pág.?

SILVA, Marcelino Rodrigues da. *Mil e uma noites do futebol: o Brasil moderno de Mario Filho*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

SOARES, Antônio Jorge. *Futebol, raça e nacionalidade no Brasil – releitura da história oficial*. 1998. Tese (Doutorado em Educação Física). Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro.

SOARES, Antônio Jorge; HELAL, Ronaldo; LOVISOLO, Hugo. *A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.